

## RESENHA DO LIVRO “EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE” DE PAULO FREIRE

RESENHA: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

Bruna Lara Campos<sup>1</sup>  
Kelry Áurea Costa Fonseca<sup>2</sup>  
Polyana de Souza Santos<sup>3</sup>

**Biografia do autor:** Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro, criador do método inovador no ensino da alfabetização para adultos. Seu método foi levado para diversos países. Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921. Suas principais obras: *Educação Como Prática da Liberdade* (1967); *Pedagogia do Oprimido* (1968); *Cartas à Guiné-Bissau* (1975); *Educação e Mudança* (1981); *Prática e Educação* (1985); *Por Uma Pedagogia da Pergunta* (1985); *Pedagogia da Esperança* (1992); *Professora Sim, Tia Não: Carta a Quem Ousa Ensinar* (1993); *À Sombra Desta Mangueira* (1995); *Pedagogia da Autonomia* (1997).

2110

### RESUMO/APRESENTAÇÃO

A obra de Paulo Freire, está dividida em 4 capítulos: 1- A Sociedade em Transição, 2 - Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática, 3 - Educação Versus Massificação 4 - Educação e Conscientização. Tais capítulos retratam as críticas/reflexões e as avaliações feitas por Freire (1999) na obra *Educação como Prática da Liberdade*, sendo que o autor ele desvela a questão do "Método" de Alfabetização para adultos de forma detalhada, contextualizando os processos históricos junto aos pressupostos filosóficos e políticos.

Desta forma, esta resenha crítica objetiva pontuar as principais questões do ensaio, bem como algumas reflexões analíticas da obra. De maneira geral, o autor reporta a experiência pedagógica que realizou, antes do Golpe de 1964, discorre ainda do método de alfabetização de

<sup>1</sup> Mestranda em Educação- Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação- Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação- Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

jovens e adultos, que aconteceu no nordeste brasileiro. Discorre, ainda, sobre o retrocesso da educação massificadora defendida na ditadura militar.

*Não há educação fora das sociedades  
Humanas e não há homem no vazio. FREIRE, (1999)*

No capítulo 1, do ensaio “A Sociedade Brasileira em Transição”, Freire afirma que os homens se distinguem dos animais pela dimensão do se relacionar, nas palavras dele “as relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal” (FREIRE, 1999, p. 39).

A diferença entre o animal e o homem, Freire pontua: “Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade” (FREIRE, 1999, p. 39). Ou seja, a questão do homem ser um sujeito crítico, planejar sua ação antes de executar, além de ser um ser naturalmente político, nas palavras de Aristóteles.

Em outras palavras, “A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos”. Freire (1999) ainda enaltece o homem quando afirma: “Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender” (FREIRE, 1999, p. 39).

2111

Analisando criticamente, para o autor, o homem, como sujeito político e social, necessita buscar e saber do seu valor e sua função na sociedade, ou seja, não estar apenas estar no mundo de forma acomodada ou tentar se ajustar. Ou seja, devido sua dimensão de clareza e discernimento, o homem é sujeito não só de sua transformação, além de ter o poder de transformar a sociedade, em integração os outros sujeitos, assim podendo ser participante no processo de uma nova história.

Por fim, Freire nos traz que: “uma das grandes, se não há maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir” (FREIRE, 1999, p. 42). Logo, grande parte da sociedade está dominada e manipulada pela hegemonia dominante e de opressão à qual está submetida, e não tem sequer consciência disso.

Já o capítulo 2, “A Sociedade Fechada e a Inexperiência Democrática”, pela escrita do autor, observa-se que o Brasil passava por um momento de transição, ou seja, de uma sociedade

rural para uma sociedade mais urbana e industrial, logo carecia de educação que pudesse atender as demandas do povo brasileiro, contribuindo com a dimensão da cidadania e usufruir de uma vida mais plena. (FREIRE, 1999, p.65)

“Situamos a sociedade “fechada” brasileira, colonial, escravocrata, sem povo, “reflexa”, antidemocrática, como o ponto de partida de nossa fase de transição. Salientamos que esta, como um tempo anunciador, era o palco em que a nova época se engendrava na anterior”.

Logo, não é novidade que ausência da participação da política, favoreceu a exploração e domínio da atividade escravocrata “Referindo-se à “inexperiência política das camadas inferiores da população brasileira”, adverte-nos Caio Prado de que a “economia nacional, e com ela a nossa organização social, assente como estava, numa larga base escravista, não comportava uma estrutura política democrática e popular” (FREIRE, 1999, p.65).

Logo a democracia, adverte Paulo Freire (1999) antes de ser uma forma política, é uma forma de vida, assim, ela caracteriza-se sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem e sua forma de se relacionar em sociedade.

Uma crítica importante que o autor faz em relação ao Estado e sua dimensão paternalista desvinculada dos direitos, logo “assistencialismo, ao contrário, é uma forma de ação que rouba ao homem condições à consecução de uma das necessidades fundamentais de sua alma – a responsabilidade” (FREIRE, 1999, p. 58).

Sem dúvida que as condições foram adversas para a população, ou seja, “Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas” (FREIRE, 1998, p. 67).

Deste modo, nossa história brasileira, não houve incentivo e fomento à democracia, à participação popular e isso formou as classes subjugadas, ou seja, uma sociedade acrítica e servindo grande como massa de manobra da classe no poder e dominante. Em outras palavras, este quadro de desigualdade social, de sociedade submissa só seria transformado e possível reverter esse quadro, por meio de uma Educação Libertadora e emancipadora.

Perspectiva que assemelha a defesa e visão de Karl Marx (1818–1883) foi um filósofo e revolucionário socialista alemão. Criou as bases da doutrina comunista, onde criticou o capitalismo. Sua filosofia exerceu influência em várias áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Política, Direito e Economia.

No terceiro capítulo, “Educação Versus Massificação” há uma defesa da contribuição da educação para os brasileiros, ou seja: “Estávamos convencidos, e estamos, de que a contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua 86 sociedade em “parteamento”, ao lado dos economistas, dos sociólogos, como de todos os especialistas voltados para a melhoria dos seus padrões, haveria de ser” a de uma educação crítica e criticizadora (FREIRE, 1999, p. 85-86).

Na visão de Freire (1999), os subordinados devem poder e devem até compreender a sua condição de subordinação, perceber as relações em que estão inseridos e isso só será possível se tiverem uma educação que em sua essência for crítica, podendo inclusive questionar e mudar esta realidade. Em outras afirmações, palavras do autor: “[...] uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática” (FREIRE, 1999, p. 89).

Caminhando para o final, no último e quarto capítulo, “Educação e Conscientização”, Freire narra o seu método de alfabetização para jovens e adultos e argumenta: “A medida em que falamos à juventude brasileira, a homens simples do povo, a intelectuais, a especialistas e entendíamos o nosso trabalho, se lançavam contra nós as mais ridículas acusações [...]” (FREIRE, 1999, p. 121).

O autor enfatiza a questão da falta de educação e dimensão do povo: “E grande parte do povo, emergente, mas desorganizado, ingênuo e despreparado, com fortes índices de analfabetismo e semianalfabetíssimo, passava a joguete dos irracionalismos” (FREIRE, 1999, p. 120).

2113

Assim, a chamada práxis pedagógica de Paulo Freire (1999) mostra, conforme afirma Weffort, o respeito à liberdade dos educandos - que nunca são chamados de analfabetos, mas de alfabetizandos.

A grande contribuição do autor é o uso de termos de frequência, relevância como significação vivida, ou seja, que fazem parte da vida, sendo um tipo de complexidade fonêmica que apresentam. Tais palavras, de uso comum na linguagem do povo, são carregadas de experiências vividas, são as *palavras geradoras*.

## COMENTÁRIO CRÍTICO

Vale ressaltar que o ensaio: "Educação como Prática da Liberdade" reflete e revela as ideias de Paulo Freire, em um período determinado da história do Brasil, conforme explícito e analisada na apresentação da resenha.

Embora a obra tenha sido escrita pelo autor em 1967, é tão presente na atualidade e ainda reflete a questões pertinentes ao modelo de educação que ainda pendura no Brasil, embora seja extremamente complexa o viés histórico antes e pós-ditadura militar.

O livro é um convite e, ao mesmo tempo um manual para todos os educadores, por promover e vislumbrar uma nova sociedade com tomada de consciência de si e da educação, sendo função social do educador o compromisso com a formação humana, libertadora e intelectual dos educandos.